

UMA CARTOGRAFIA SIMBÓLICA DA RONDA DO TEMPO CASCUDIANA

Ozaías Antônio Batista

(Departamento de Ciências Sociais – UFRN)

Thiago Isaías Nóbrega de Lucena

(Departamento de Ciências Sociais – UFRN)

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um dos frutos da pesquisa: “Memórias do Brasil: Itinerários e Singularidades da Formação Social, Educativa e Cultural”, a qual se propõe a mapear itinerários sociais e peculiaridades da formação socioeducativa e cultural, presentes em narrativas autobiográficas de autores brasileiros. Aqui fazemos um recorte para apresentar o livro “Na Ronda do Tempo” de Luís da Câmara Cascudo, escritor e folclorista potiguar de grande inserção mundial. Através do qual propomos abordar a idéia de tempo desenvolvida pelo autor, confrontando-a com a idéia de temporalidade linear desenvolvida por Boaventura de Sousa Santos: “a idéia de que o tempo linear é uma entre muitas concepções do tempo e de que, se tomarmos o mundo como nossa unidade de análise, não é sequer a concepção mais praticada (SANTOS, 2006, p.108)” Aqui tomaremos como unidade de análise a concepção de tempo desenvolvida por Cascudo em um de seus escritos autobiográficos; questionando: Como é o tempo percebido por Cascudo em sua Ronda? Será que a percepção do tempo traduzida por ele é linear? Sua narrativa obedece a linearidade temporal ou retroage no tempo?

Cascudo pode ser considerado como um dos principais autores que residiram em terras brasileiras, pois seus livros alcançaram grande popularidade nacional e internacional. Esta inserção pode ser conferida a partir da constatação da enorme difusão, pelo mundo inteiro de suas idéias e informações; principalmente, no que se refere ao universo cultural, sobretudo, o folclore. Conseqüentemente, sua obra é tema de vários estudos científicos monografias, dissertações e teses pelo mundo afora e no Brasil, destacamos especialmente a Tese de Doutorado da professora Vânia de Vasconcelos Gico (1998): “Luís da Câmara Cascudo: Itinerário de um pensador,” defendida na PUC/SP, na qual há uma gama de informações e interpretações sobre a obra cascudiana dignas de referências.

A escolha do livro de Luís da Câmara Cascudo escolhido para a realização deste estudo obedeceu ao critério de ter sido escriturado de forma narrativa e o de se enquadrar nas abordagens de escritos autobiográficos. Pode ser considerado como o mais próximo da intimidade (subjetividade) do escritor. Porque se trata de um diário, no qual há várias descrições, explicações e interpretações referentes aos acontecimentos que preenchem o seu dia. De modo que, Cascudo não poupa os leitores dos vários detalhes pertinentes às experiências vivenciadas em seu dia-a-dia. Descreve as visitas, viagens, estado de saúde, eventos, ou seja, momentos cotidianos de sua vida privada. Sempre fazendo uso de uma escrita preocupada em enfatizar os detalhes comuns do seu cotidiano, ao dissertar sobre suas visitas (sejam elas concedias ou

recebidas), Cascudo elabora uma espécie de perfil pessoal para o seu visitante (ou visitado), enumerando características pertinentes. Descrição que leva em consideração detalhes como: o brilho dos olhos, a cor do cabelo, o modo de se comportar. Se esta visita for de um amigo de longa data, aproveita para realizar um recorte temporal; relembando experiências vivenciadas em períodos longínquos; juntamente com outros personagens que fizeram parte da sua vida. Criando uma espécie de nostalgia do passado. Não é um sentimento nostálgico associado à necessidade de mudança da realidade social vigente, isto é, comparando o passado com o presente, objetivando construir um futuro semelhante ao passado. É apenas a narrativa de uma saudade que o transporta momentaneamente para ao passado, em detrimento de situações que o fazem recordar experiências vividas – poderia ser chamado de memória de uma saudade.

Estas idéias referentes ao recorte temporal e ao sentimento nostálgico serão esclarecidas posteriormente, de acordo o desenvolvimento dos conceitos que serão discutidos neste trabalho; tendo em vista que, a discussão, a análise e a abordagem que faremos do livro de Cascudo – abre espaço para a conjunção entre os conceitos de tempo, linearidade temporal, coerência temporal, bem como memória. Fazendo uso da cartografia simbólica (SANTOS, 2007) como estratégia de pesquisa no sentido em que mapearemos tais conceitos no que foi expresso por Cascudo no livro já referido.

2 A ESTRATÉGIA DE PESQUISA: POR QUE UMA CARTOGRAFIA SIMBÓLICA?

A metodologia de pesquisa escolhida para a concretização deste trabalho insere-se nas abordagens qualitativas de natureza bibliográfica, atrelada à perspectiva de elaboração de uma cartografia simbólica ou cartografia sociológica, Santos (2007). Antes de contextualizarmos as premissas básicas da estratégia cartográfica construída com a temática proposta (a análise de um livro autobiográfico, atrelando-se a este, o estudo da noção de tempo linear e a forma de temporalidade subjacente), pretendemos explicitar o que é uma abordagem cartográfica de cunho simbólico, bem como seus critérios como procedimento metodológico em trabalhos científicos.

A cartografia simbólica é um procedimento de pesquisa científico que possibilita ao cientista construir seu objeto de estudo a partir do enfoque de um determinado assunto, associado à dimensão epistemológica, e também à dimensão sociológica, ou seja, o objeto inserido em seu contexto social de produção e desenvolvimento, como foi pensado e construído. Isto é, o pesquisador, através das premissas pertinentes à cartográfica, vista como um mapa de uma realidade global realizará uma análise micro da problemática e não uma análise macro dessa realidade, pois esta abre a possibilidade para o surgimento de várias ramificações, que poderão estar ligadas ao objeto de estudo, como as linhas sinuosas ou não de um mapa. Esta abrangência é funesta a uma pesquisa que esteja fazendo uso de um procedimento cartográfico, porque conduz a perda do específico, do que foi objetivamente questionado a partir real.

No entanto, este é também um dos enfoques defendidos pela cartografia, tendo assim um caráter dual, pois ao optar por uma determinada esfera do conhecimento (como por exemplo, o conceito de tempo, como é o caso deste estudo), o pesquisador pode distorcer outras visões que poderiam ser construídas ao longo do desenvolvimento da pesquisa, ou seja, por se preocupar demais em desenvolver uma determinada análise

de um conhecimento, outros poderão estar em um estado caótico (de idéias), necessitando de novas cartografias. Em contrapartida, a cartografia simbólica possibilita ao pesquisador se aproximar de forma mais precisa da problemática em questão, pois o enfoque pode gerar algumas distorções, mas ao mesmo tempo abre espaço para o surgimento de uma pesquisa mais pormenorizada no que se refere a uma determinada esfera do conhecimento.

Não obstante, esta distorção da realidade ocorre em conseqüência da cartografia esta pesquisa preza pelo específico, Santos (2006), afirma que é através da especificidade que um determinado trabalho de cunho científico pode chegar mais próximo do “real,” isto é, da análise mais condizente com a problemática proposta. Mesmo que esta abordagem da realidade trate apenas de responder questionamentos pertinentes a uma dimensão do conhecimento, um conceito ou uma premissa.

A especificidade do procedimento cartográfico só é possível graças a princípios teóricos de natureza qualitativa, mesmo que esta qualidade seja registrada numericamente. Assim, Santos (2007) informa que estes princípios são: a escala, a projeção e a simbolização. Podemos notar que estes princípios teóricos possuem uma considerável semelhança (quanto a sua denominação) com as ferramentas utilizadas pela geografia na elaboração de mapas. Contudo, quando são referentes às ciências sociais, estas ferramentas teóricas são utilizadas com o intuito de se elaborar uma cartografia simbólica das representações sociais, ou seja, permitir a tradução e a adoção dos conceitos de escala, projeção e simbolização aos tópicos abordados em uma pesquisa pertencente ao universo de outras áreas de conhecimento. Diferente da forma como se dá a construção de itinerários cartográficos tão comuns na geografia. Conseqüentemente, a cartografia simbólica é capaz de combinar elementos das ciências naturais, com elementos das ciências sócias e de outras áreas do saber.

O primeiro é a escala; uma interpretação da real distância existente no espaço físico em questão, com a distância que será impressa no mapa. Contudo, os mapas estão sempre enfatizando as reais características presentes nos espaços físicos, por isso que nos mapas a escala é responsável pela escolha das características mais relevantes do terreno estudado. Uma vez que nem todas as peculiaridades do espaço estudado poderiam ser enquadradas na estrutura do mapa. No caso de conceitos explorados numa obra, a escala analogicamente segue o mesmo princípio, busca as características mais relevantes presentes no espaço global da obra.

Transportando essa noção da escala, tão comum na cartografia geográfica, para a cartografia sociológica, observamos que esta especificidade é de fundamental importância para se iniciar uma pesquisa, porque garante a eficácia da sistematização da empreitada científica. Isto porque o pesquisador necessita tecer análises precisas, ser objetivo quanto à construção do objeto a ser estudado e a análise feita; para que seu trabalho não englobe uma grande quantidade de sub-temas; abrindo discussões desnecessárias à compreensão do objeto e acabe forçando o pesquisador a construir uma análise imprecisa da problemática.

Tomemos como exemplo a proposta de pesquisa inserida neste trabalho. Se ao escolhermos a obra cascudiana “Na ronda do Tempo”, desejássemos trabalhar além da idéia de tempo e espaço, a de cultura, presente nela, a pesquisa não seria rica em detalhes, e provavelmente as conclusões retiradas ao término desta, não seriam muito

satisfatórias. Sendo esta, uma das conseqüências da escolha de várias temáticas e de noções que provocam questionamentos que deveriam ser desenvolvidos e respondidos de modo a não deixar espaços vazios.

Além de responder as possíveis indagações que iriam surgir ao longo do desenvolvimento da pesquisa, estas noções sócio-simbólicas (cultura, tempo, espaço) deveriam ser contextualizadas com as idéias que foram engendradas por Cascudo ao longo da sua “Ronda”. Afastando ainda mais, a pesquisa, de observações e de conclusões com um bom nível de discussão, reflexão e análise, pois haveria em um pequeno trabalho um grande espaço a ser mapeado dificultando, desse modo, os aspectos articulados à precisão. Temos a convicção de que esta abrangência é incabível em uma pesquisa que tenha adotado o procedimento cartográfico, pois este preza pelo detalhamento em prol de uma análise mais fidedigna da realidade. Mesmo que esta fidelidade leve a construção de análises unilaterais.

A segunda ferramenta cartográfica transportada da geografia para as ciências sociais é a projeção. A projeção é responsável pela elaboração de um mapa de fácil manuseio. Porque há terrenos com uma grande quantidade de superfícies curvas (ondulantes), de modo que, estas são transformadas em superfícies planas, facilitando, dessa forma, o contato do usuário com o mapa.

No entanto, é importante saber que há vários tipos de projeções, e de acordo com o contexto que está sendo empregada, a projeção cria uma determinada representação da realidade. Por isso, cada tipo de projeção faz nascer diferentes representações do real. Contudo, é incabível, bem como desnecessário enumerar a grande extensa variedade de projeções que são utilizadas na cartografia geográfica. De modo que, o mais importante a ser exposto no referente à projeção é sua capacidade de representar o real através de diferentes visões, o que dá às ciências sociais a possibilidade de diálogos com outras ciências. Neste estudo, por exemplo, fazendo uso da lógica oferecida pela escala, trabalhamos com a noção de tempo inserida na obra cascudiana, aqui, a projeção serve de auxílio para a abordagem que vamos dar ao estudo. Que no caso é permeada pela noção de temporalidade, sobretudo a questão da linearidade temporal. No entanto, esta temporalidade poderia ser trabalhada, procurando evidenciar o passado, ou talvez atrelada ao desejo de um futuro melhor. Tudo vai depender do tipo de projeção que é adotada pelo pesquisador no decorrer do trabalho.

Porquanto, nesta “Ronda cascudiana”, optamos por um tipo de projeção que pudesse apresentar um Cascudo debruçado numa lógica temporal que permitisse ver se é linear ou não, embora em algumas situações apresentemos determinadas idéias que levem a pesquisa para uma análise pertinente a cronologia não-linear, isto não é constante.

Dessa forma, é através desta especificidade oferecida pela cartografia sociológica que a coerência da pesquisa foi garantida; uma vez que o trabalho não se desenvolveu tendo objeto(s) de estudo(s) diferente(s) e noções variadas a serem desenvolvidas. Apesar de termos consciência da vasta quantidade de abordagens que poderiam ser construídas tendo por base qualquer obra cascudiana, porque Cascudo foi um intelectual que se interessou pelo estudo da sociologia, etnologia, cultura popular (em especial o universo folclórico), e história.

O terceiro elemento pertencente à construção cartográfica de cunho geográfico que foi incorporado pelas ciências sociais chama-se simbolização. A simbolização está associada com o emprego de elementos (símbolos) presentes no mapa, que servirão para representar algo em especial, a fim de situar melhor o usuário com o tipo de espaço físico existente em uma determinada localidade. Por exemplo, na diagramação de um mapa, muitas árvores concentradas em uma determinada área representam a localização de uma floresta; grandes quantidades de pedras associadas simbolizam, na maioria dos casos, terreno pedregoso. E assim sucessivamente.

Contudo, a simbolização é o procedimento técnico de maior complexidade, porque sua execução está intimamente condicionada pelo tipo de escala, bem como de projeção que serão utilizados para a elaboração do mapa. Continuando com os exemplos que foram apresentados anteriormente, fazendo uso da escala foi permitido analisar a noção de tempo na obra cascudiana; optando por uma projeção capaz de direcionar argumentações para a construção de premissas associadas com noções pertinentes a uma temporalidade linear ou não; a simbolização servirá como estratégia científica a partir do momento em que as argumentações necessitem de exemplos (símbolos), a fim de que elas estejam melhores enquadradas (situadas) na pesquisa o que vem sendo feito através de estruturações de textos, usando palavras que representam as interpretações feitas. A simbolização também auxilia na construção de um trabalho coerente, e com boas argumentações, pois o objeto de estudo (escolhido através da escala) deve entrar em concordância com a argumentação utilizada na elaboração da pesquisa; organizada a partir do tipo de projeção escolhida para o desenvolvimento da pesquisa; e esta se encontra em conformidade com os exemplos extraídos da obra (principal finalidade da simbolização). Tudo isto com o intuito de esclarecer, e em consequência desta elucidação, edificar as idéias construídas ao longo do desenvolvimento deste artigo, composto por resultados parciais da pesquisa já referida.

Assim, foi que ideamos apresentar e desenvolver o modo da escrita adotado por Cascudo ao longo da sua obra, isto é, uma descrição preocupada com os detalhes (fossem eles físicos ou simbólicos) intrínsecos ao seu dia-a-dia com referentes ligados à noção de tempo. Bem como, quando desenvolvemos a noção de recorte temporal (quebra da linearidade temporal), sentimento nostálgico (saudade de tempos longínquos) e retroação temporal (retorno ao passado, através das lembranças arquivadas em sua memória).

3 A RONDA DO TEMPO CASCUDIANA

A análise referente ao modo cascudiano de descrever as diversas situações nas quais ele se inseria em seu cotidiano tem nas viagens ótimas oportunidades para que ele dissertasse sobre o espaço onde estava presente. Seja este um hotel, um restaurante, uma livraria. Assim como, possibilita ao autor observar e estudar o comportamento dos indivíduos que ele encontra em suas viagens. Daí, surgindo um Cascudo cuja análise está pautada em princípios sociológicos e antropológicos. Pois ao mesmo tempo em que reflete sobre o comportamento dos indivíduos, em detrimento do espaço que eles estão ocupando o autor também, associa-os aos hábitos culturais que incidiam sobre sujeito condicionando de certo modo, tal comportamento. Como por exemplo, em sua estadia

no Rio de Janeiro, no mês de janeiro de 1969, mais precisamente, entre os dias dez, onze e seguintes... ele escreve:

Proibo-me comentar a praia e seus problemas, terapêuticos, sociais, psicológicos, culturais, decorrentes da presença inconsciente e visível no comportamento [...] O mais, sensível e poderoso, a praia com sua população sucessiva mas vitalizada [...] findando pela imersão gesticulante na água salgada do mar (CASCUDO, 1970, p.18-19).

Não obstante, a análise detalhada dos espaços narrados por Cascudo que se poderia fazer, este texto tem como principal eixo temático o estudo da noção de temporalidade, presente no livro já referido. Uma vez que este pode ser construído, objetivando-se alcançar fins didáticos e pedagógicos, em uma associação entre as idéias de tempo, recorte temporal, coerência temporal, bem como, memória. Isto porque a memória também pode ser uma importante ferramenta para a compreensão da lógica temporal, esteja esta inserida no passado, sentida no presente ou, perspectivada no futuro – “na população sucessiva”, que pratica ao longo do tempo a prática de banhar-se no mar.

Contudo, este enfoque na lógica temporal só foi possível graças ao recurso metodológico utilizado a cartografia simbólica ou cartografia sociológica porque esta possibilita focalizar a temática desejada, abordando-a separadamente, concentrando as análises interpretativas a partir de excertos do texto analisado. Observamos que ao fazermos o mapa de determinados elementos dentro de uma abordagem autobiográfica as premissas recortadas possuem maior capacidade de atingir elementos que podem ser reconhecidos como experiências concretas. Embora, reconheçamos que as premissas tematizadas, como é o nosso caso, também distorcem, em diferentes graus, a realidade em questão.

As pessoas se relacionando com os diversos espaços físicos: praia, clubes, restaurantes não são os únicos assuntos que estão inseridos no livro. Cascudo também se preocupa em escrever sobre sua condição de saúde, evidenciando o que pode e o que não pode ser comido, bem como bebida; sempre descreve para o leitor detalhes pertinentes a sua faixa etária um pouco avançada, explicitando que este estágio de vida requer determinados cuidados: “Aos 70 anos sinto ao redor de mim, não a rebelião de lãs masas, de Ortega y Gasset, mas a indisciplina do material outrora fiel ao meu comando.” (CASCUDO, 1970, p.16, grifo do autor).

Através das descrições realizadas pelo autor, tendo por base os acontecimentos vividos em seu cotidiano, pode-se abordar, e criar um nexo, entre a idéia de tempo, desenvolvida por Cascudo ao longo da sua obra, e a noção de temporalidade linear trabalhada por Boaventura de Sousa Santos. De modo que, o tempo pautado em uma linearidade temporal seria caracterizado por uma cronologia constantemente linear, ou seja, sempre utilizando uma temporalidade em concordância com o presente. Sem retroceder ao passado, ou imaginar o futuro. Embora este caráter linear sofra efêmeras distorções ao longo da descrição cascudiana ele tenta pontuar sua escrita dentro desta lógica, não o tempo, mas a escrita. Apesar desta distorção temporal, o processo descritivo desenvolvido por Cascudo pode ser associado com uma cronologia caracterizada pela linearidade. Ou seja, a descrição utilizada pelo autor no decorrer da sua obra, dá-se dia após dia, sem deixar de vivenciar (comentar) nenhum dia. Todavia, há reentrâncias que o levam ao passado e o transportam para o futuro.

A temporalidade com a qual Cascudo lida na escrita, segue uma seqüência cronológica pautada em princípios lógicos racionais, é dessa forma, que ele constrói sua análise do cotidiano, mantendo uma certa coerência temporal com os dias que já foram vividos.

É importante elucidar a idéia de coerência temporal que está servindo de argumentação para a construção deste trabalho. A coerência temporal difere da noção de linearidade temporal, pois, como já foi dito anteriormente, esta leva em conta a descrição seqüencial dos acontecimentos ocorridos diariamente. E a coerência temporal pode ser encaixada em qualquer conjuntura espacial (referente ao espaço físico) ou temporal, no qual esteja presente o autor promovendo assim, alguma lógica cognoscível. Seja esta linear ou ondulante, isto é, inconstante.

Com o intuito de alicerçar ainda mais esta argumentação referente à coerência temporal; explicaremos a noção de recorte temporal, e posteriormente, associaremos ambas, ou seja, o conceito de coerência temporal articulado com a idéia de recorte temporal.

O recorte temporal surge em detrimento da quebra da linearidade temporal presente na obra cascudiana. A partir do momento em que Cascudo recebe alguma visita, ou realiza alguma atividade que o faz lembrar o passado (como, por exemplo, ler algum livro), este instante pode ser caracterizado como recorte temporal, porque é o momento em que ele deixa de escrever sobre a situação atual que ele estava vivenciando (quebra da linearidade temporal), e passa a se debruçar, mesmo que momentaneamente, no passado: “Fui ler Antônio Sales (1868-1940) que conheci em Fortaleza, outubro de 1937 (idem, p. 10)” e “alegria de reviver meu tempo de *“Acadêmico de Direito”* no Recife, e a fase ainda juvenil da agitação literária [...] (idem, p.20, grifo do autor) “.

Em momentos semelhantes a estes é que podemos perceber nas palavras do autor um sentimento semelhante à nostalgia, fomentada por pessoas ou momentos vividos.

Esta saudade é responsável pelo transporte do autor a uma realidade temporal longínqua, tendo por principal via suas lembranças, presentes apenas em sua memória, que ele registra e as preserva para o futuro, Assim, registradas elas dão aos leitores a permissão para entrar no tempo por ele vivido. Tais registros em Cascudo não tratam de uma recusa da realidade vigente, apenas de um transporte memorial do passado, a fim de suprir lacunas deixadas presentes em forma de saudade.

Continuando com a idéia referente à temporalidade, reafirmamos que a memória como já foi exposto anteriormente é um importante mecanismo de interpretação do real, especialmente quando esta interpretação requer lembranças de experiências já vivenciadas e a compreensão da concepção de tempo de um escritor.

Realmente Cascudo foi (e ainda é) um intelectual que marcou sua época, portanto, deixou uma marca no tempo em seu espaço, pois soube observar como ninguém as particularidades culturais, políticas e sociais engendradas ao longo da formação do povo norte-rio-grandense. De modo que podemos observar no decorrer desta ronda no tempo, várias particularidades pertencentes ao Cascudo. E estas particularidades do comportamento cascudiano, em sua maioria, são duais, porque ele

pode ser enquadrado como um ser racional e ao mesmo tempo sonhador; uma personalidade de alto prestígio, mas com uma alma simples; e um ser mortal, embora tenha sido imortalizado pelos seus conterrâneos (antes mesmo da sua morte).

Seu comportamento racional estava sempre presente em seus estudos referentes ao gênero humano, porque Cascudo, como etnólogo e sociólogo analisava o comportamento dos indivíduos, associando-o às características pertinentes à cultura. Em contrapartida, seus pensamentos contrários aos princípios ligados à racionalidade estavam sempre associados com uma relaxante viagem ao passado, pois era nesta dimensão abstrata que poderia reviver momentos, assim como reencontrar pessoas que fizeram parte da sua história de vida – perenizando dessa forma seu tempo.

Antes de morrer Cascudo já era um intelectual bastante respeitado e conhecido, pois como ele descreveu muitas vezes em sua “Ronda”, vivia sempre distribuindo autógrafos; abrindo conferências e encontros, com seus discursos. Contudo, apesar desta fama, sempre mantinha as pessoas próximas de si, uma vez que o seu maior objeto de estudo era o indivíduo em sociedade.

Esta imortalidade que parece comum a Cascudo advém da sua importância como homem de um alto grau de intelectualidade. Houve uma situação, narrada em seu livro, que diz que pessoas criaram uma espécie de memorial em sua homenagem, e o afixaram na porta da sua casa, para que cada pessoa que por ali passasse tomasse consciência de que naquela casa residia Cascudo: “Aqui nesta casa, Luís da Câmara Cascudo, com sabedoria e humildade, completou cinquenta anos de vida intelectual. Homenagem do Rio Grande do Norte. Natal, 30 de dezembro de 1968.” (CASCUDO, 1970, p. 53).

Ressaltamos que, “Na Ronda do Tempo,” de Luís da Câmara Cascudo é um livro altamente importante para os estudantes que almejam ter um pouco mais de intimidade com o autor, e viajar juntamente com o mesmo por suas lembranças, por seu tempo que tanto o deixaram saudades; por épocas passadas; por tempos cuja temporalidade se movimentam e é desenvolvida por ele como um passado presente: “Ah! vãs memórias, onde me levais? (CASCUDO, 1970, p. 20).”

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos concluir que o tempo presente na obra cascudiana obedece a uma temporalidade que pode ser denominada como cronológica linear. Contudo, as lembranças extraídas da sua memória, com o decorrer das situações comuns ao seu cotidiano, são responsáveis pelo rompimento desta linearidade temporal.

Observamos que na narrativa se desenvolve uma temporalidade pautada em uma ordem cronológica, quase que diária, mas que ao mesmo tempo, busca fugir a linearidade temporal, sem, no entanto, negá-la, pois a conserva na escrita. Desse modo, Cascudo vai desenvolvendo suas temáticas autobiográficas do cotidiano de sua vida, localizando-se espacialmente na cidade de Natal, vai construindo um nexos entre experiências vividas no passado, e novas relações interpessoais presenciadas em seu dia-a-dia, no ano de sua narrativa. Possibilitando assim, ao leitor, vislumbrar, de forma fidedigna, todo o desencadear dos acontecimentos que rechearam o ano de 1969, de sua vida e da cidade do Natal, bem como das pessoas que com ele dividam seu modo de vida, no Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

CÂMARA CASCUDO, Luís da: **Na Ronda do Tempo** (Diário de 1969). Natal, Imprensa Universitária, 1970.

GICO, Vânia de Vasconcelos. **Luís da Câmara Cascudo: Itinerário de um pensador**. 1998. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – SP, 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Uma Cartografia Simbólica das Representações Sociais: o Caso do Direito. In: Para Um Novo Senso Comum: In.____. **A ciência, o Direito e a Política na Transição Paradigmática**. São Paulo, Cortez, 2007. v. 4.

_____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006. v. 4.

RESUMO

A partir da leitura do livro cascudiano *Na Ronda do Tempo*, este trabalho surgiu com o intuito de analisar o resgate memorialístico como mecanismo capaz de transmitir aos leitores as experiências vividas em períodos longínquos por Cascudo. Uma vez que alguns acontecimentos pertinentes ao seu cotidiano (como por exemplo, a visita de um amigo ou parente, uma viagem, a leitura de um livro), o fazem lembrar de situações passadas que marcaram a sua vida. Sendo através da descrição de suas lembranças, que o autor rompe com a linearidade temporal majoritariamente presente na elaboração do seu diário. Dessa forma, há uma retroação temporal, a fim de apresentar ao leitor alguns momentos significativos que marcaram a sua história pessoal. Cascudo realiza uma digressão em sua narrativa, com o intuito de dissertar, mesmo que efemeramente, sobre suas lembranças, as quais estão repletas de um sentimento nostálgico. E por meio da cartografia simbólica (SANTOS, 2007) como metodologia de pesquisa, trabalhamos alguns conceitos norteadores, os quais são: tempo e linearidade temporal.

Palavras-chave: Memória; Tempo; Linearidade Temporal; Cartografia Simbólica.